

Biblioteca Nacional

Revista de Junho



ANNO IV

RIO GRANDE DO NORTE

FASCICULO 3

12 de Junho



A TRIBUNA

Do Congresso Litterario

REVISTA QUINZENAL



DIRECTOR

Ezequiel Wanderley

SECRETARIO

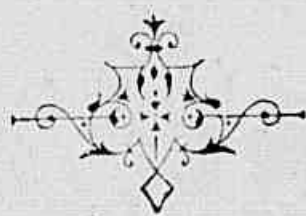
José Pinto

Redactores

H. Castriciano

Manuel Dantas

Ovidio Fernandes



T E N E B R A S

Se tudo foge e tudo desaparece,
Se tudo cahe ao vento da Desgraça,
Se a Vida é o sopro que nos labios passa
Gelando o ardor da derradeira prece ;

Se o Sonho chora e geme e desfallece
Dentro do coração que o Amor enlaça,
Se a rosa murcha inda em botão e a graça
Da moça foge quando a idade cresce...

Se Deus transforma, em sua lei tão pura,
A dôr das almas que o Ideal tortura
Na demencia feliz de pobres loucos...

Se a agua do rio para o Oceano corre,
Se tudo cahe, SENHOR ! porque não morre
A dôr sem fim que me devora aos poucos ?

Anta de SOUZA

ANUAL

Imp. na Typographia Central

1900



Congresso Literario

DIRECTORIA

Presidente
1º Secretario
2º «
Orador
Thesoureiro

Pedro Soares
Sergio Barretto
Sebastião Fernandes
Horacio Barretto
José de Viveiros

SOCIOS EFFECTIVOS

*Alberto Maranhão, Segundo Wanderley, Antonio Marinho,
Manuel Coelho, Pedro Viveiros, Augusto Wanderley.*

SOCIOS HONORARIOS

*Auta de Souza, Anna Lima, Homem de Siqueira, Manuel Arão,
José de Berredo, Palmerio Filho.*

São nossos representantes

(EXTERIOR)

CAPITAL FEDERAL— Manuel Coelho de S. e Oliveira, Escripturario do
Thesouro Nacional
BAHIA— Pedro A. Soares de Amorim, Academico de Medicina
RECIFE— Galdino Lima, Academico de Direito
PARAHYBA— Antonio Peixoto, proprietario da « Fabrica Industrial »
CEARA'— João Soares de Amorim, gerente da pharm. « Rocha »
MARANHAC— Raphael de Freitas, Escripturario da Alfandega
PARA'— Pedro Viveiros « «
AMAZONAS— João Argilio de Oliveira.

Interior

MOSSORO'— Dr. João Filgueiras, Juiz de Direito
MACAU— Major Julio Tinoco
MACAHYBA— Pedro Nascimento, Empregado do Commercio
S. JOSÉ— Francisco Ribeiro Dantas
PENHA— Dr. Homem de Siqueira, Juiz de Direito
AÇU'— Palmerio Filho, Redactor - proprietario d'« A Semana »
ACARY— Dr. Juvenal Lamartine, Juiz de Direito
MARTINS— Dr. Hemeterio Ferrandes, Juiz de Direito
PATU'— Antonio Aniceto.



A TRIBUNA

FREI MIGUELINHO

(12 de Junho de 1817)

Dentre os vultos dos venerandos patriotas que corajosa e abnegadamente se sacrificaram pela liberdade, lutando sem tregua pela realização desse grandioso ideal, destacamos hoje, cheios do mais justo orgulho e do mais santo entusiasmo, o de Frei Miguelinho, para render-lhe, ainda uma vez, as homenagens da nossa admiração, o tributo do nosso respeito e do nosso reconhecimento.

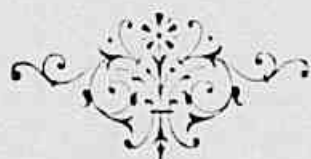
Não é nosso intuito nesta occasião acompanhar os traços luminosos de sua vida politica, acrescentando ao que se tem escripto a respeito do heroe rio-grandense; a tanto nos não abalancaríamos, nem é esta tarefa compativel com a exiguidade dos nossos recursos.

No dia, porém, em que o Estado comemora o seu sacrificio, é justo que nós, a mocidade do *Congresso Litterario*, não deixemos passar em silencio esta data, gloriosa para elle, em que o triumpho ephemero da tyrannia assignalou o alvorêcer da democracia no solo da patria brasileira, que recebeu em seu seio o sangue purissimo do martyr, para mais tarde fazer crescer e fructificar a arvore bemdicta da liberdade.

Espirito luminoso, alma tallada para as grandes concepções, intrepido batalhador, martyr glorioso de tua fé na regeneração da Patria, seja-nos o teu exemplo o estímulo, a tua heroicidade a nossa força e a tua resignação a muralha de encontro a qual se venham quebrar as ondas de agitação porventura levantadas contra a estabilidade da obra ingente que começaste.

O Rio Grande do Norte, sustentando hoje as instituições que pretendeste implantar a custa de teu sangue de patriota, honra dignamente a tua memoria; e um dia ainda fará erigir o testemunho de sua gratidão no lugar em que foste martyrisado e donde subiu teu espirito angelico em busca das regiões celestiaes para de lá, inutilizando as urdiduras da tyrannia, abençoares e protegeres os que trabalham pela grandeza da Patria que tanto amaste.

PUBLIO SCIPIÃO



SONHO D'OURO

Quando eu tiver rubente presa ao braço
a minha loira noiva que me encanta,
eu na nevrôse de ventura tanta
a terra deixarei scindindo o Espaço.

E louco e louco como um passarinho
a todo o mundo hei de dizer, se queres;
hoje é minha a mais pura das mulheres
e vou para ella construir um ninho.

feito de plumas cheias de brilhante,
de rubins, de esmeraldas e amethystas...
quero que tu, o' filha, não resistas
ante esse mimo em tudo deslumbrante!

Ninho feito de azul e astros diversos,
cheio de crótons e jasmims se abrindo,
n'uma gaiola d'ouro retinindo—
O mais canoro passaro dos versos!...

Quero viver assim, nada te escondo;
a cada instante em risos nos olhando.
Tu,—para mim n'um chromo trabalhando,
Eu—um soneto, para ti, compondo.

Depois nesses arroubos ideados,
tu no piano vibrarás, tocando
todas as walsas que dançamos, quando
eramos nós, ainda namorados.

E então... quando buscarmos nosso abrigo,
lá verei, tu verás, o' flor ridente;
tu commigo sonhando docemente...
e docemente eu a sonhar commigo...

E quando a aurora pelos frios flancos
dos montes vier e achar-nos despertados,
nos vendo, arrulhará sobre os telhados
um garrulo casal de pombas brancos.

E assim havemos de viver ditosos
e nessa eterna communião de vida,
de meus affectos viverás, querida,
e eu da luz de teus olhos languerosos.

Sebastião FERNANDES

DO ANTIPHONAS.



PROSAS

A cabo de ler n'uma chronica de *Nemo*, que a mulher na Scandinavia anda, corre e vira por onde quer, sem o appendice da vigilancia paterna, ou antes, bem longe dos costumes das nossas damas que, se precisam ir á casa da vizinha ou teem necessidade de comprar as suas fitas na loja fronteira, não o fazem sem um *cabo de ordens*, seja agora este o pae, a mãe ou o famulo.

Como os rapazes, sahem sosinhas, desde meninas, e quanto mais crescem e se adeantam na idade, mais augmenta essa liberdade de locomoção.

Infelizmente, aqui no Brasil, e especialmente nos logares pequenos, esse uso do tal *cabo de ordens* ainda não foi abolido para vergonha nossa e para mostrar tão sómente que somos um povo que prima por tudo aquillo que é conservador, que é velho, que é feio, que é archaico e que é—porque não dizel-o?—anti-diluviano.

Já que somos accusados de imitadores ou macacos, porque não imitamos os outros n'aquillo que achamos bonito, digno e razoavel?

E' verdade que, depois de quatrocentos annos, já fizemos alguma coisa, relativamente á liberdade feminina. Contava o meu terceiro avô—um barbaça cõr de tacho areado e adepto fervoroso do rapé *Meurca*—que as donzellas do seu tempo raramente sahiam de casa; era preciso uma *missa do Gallo* para poder o pae com o demais pessoal de saia deixar o *banco de canoa* e ir á festa; e isto depois de haver discutido tres dias com a *cara melade* e ter carregado a pistolla com uma deshumana dose de chumbo numero 8, para *prevenir os acontecimentos*.

Hoje já não se vê isto; mas o que é facto é que ainda estamos muito longe de dar á mulher a liberdade de que carece para poder civilisar-se.

Outro dia vi esta *scena*:

As minhas vizinhas do frontespicio são umas mocinhas levadas da *bréca*! Tocam o seu violão, cantam horrivelmente o *Gondoleiro do amor*, appellidam quasi todos os janotas d'esta terra, vivem rindo-se por qualquer *dà cá aquella palha*, não deixam a janella emquanto o diabo dá um sopro, mas não dão um passo para fóra de casa sem que o pae lhes esteja no couce, alli no—*tira o pé bota a mão*, e, não sei se tambem para prevenir os acontecimentos, o velho não dispensa uma respeitavel e respeitada *coxa de veado* (chamo coxa de veado porque não quero metter minha alma no inferno em chamar áquillo de *cannela*. Bengalão!...) que empunha atrevidamente quando sae com o pessoal de saias.

Pois sabem de uma? O velho não sabe onde deixou a *badine*, e por isto lá estão as moças *mafando*, sem poderem visitar uma amiga, porque o pae teima em só acompanhá-las quando lhe for restituída a sua *cannela*.

Isto denota apenas o nosso atrazo! Nós não

estamos da Calabria nem habitamos algum paiz de selvagens onde não se conheça isto que chama-se civilisação.

Dizem os paes que, se praticam assim, é porque é uso! E elles *não querem, etc...*

Pois com todos os diabos, reneguemos este pessimo uso, e demos ampla liberdade á mulher, começando pela supressão do tal *cabo*!...

Imitemos a Scandinavia, onde nma rapariga de boa sociedade pode ir sosinha á loja, á casa da amiga, da costureira, ao baile, embora sempre no circulo das relações da familia. A rapariga scandinava lê quasi tudo que quer e põe se a par de tudo, se é intelligente. Viaja muito no estrangeiro, vae á França, á Allemanha, a Italia, estuda as linguas, as artes etc.

As raparigas alli conversam alegremente com os rapazes, riem-se, palestram, brincam, sem que saiam dos limites do mais estricto *bom tom*.

As Brasileiras não: teem, ou fingem ter medo dos moços; se estão n'uma sala conversando entre familia ou amigas e entra um rapaz um tanto desconhecido, é *agua fria na fervura*, em nudecem, cruzam os braços na cintura em forma de X e toca a olhar para os pés como pavão. E feliz será quem ouvir de seus labios roseos e provocantes uma palavra qualquer.

São ellas culpadas? Não! E' esta educação convencional, tola e que só tem obtido effeito contrario.

Não pensem que quem rabisca estas linhas é um moço que vem queixar-se, ou antes, que inveja os costumes da Suecia, e que, portanto, não pode gosar o mesmo, não! O *Belisario*, já vê o *pé de galinha* ciscar-lhe as faces!...

Se vem contar estes costumes da mulher scandinava é porque deseja que as suas patricias as imitem, porque alli tudo é progresso, tudo é civilisação, onde o proprio casamento, na sua generalidade faz-se por inclinação. Rapazes e raparigas escolhem-se livremente e sem grande consideração pelo dinheiro, pelo menos os homens não fazem do dote uma condição essencial. Os paes dão, é verdade, qualquer presente, mas é antes um auxilio do que um dote regularmente constituído. Quando um rapaz e uma rapariga gostam um do outro, o rapaz faz o seu pedido directamente á sua escolhida.

A familia só tem que ractificar. Então celebram se os esponsaes, cujo acto não é feito por juiz ou padre, e sim entre a familia e amigos, com um bom e succulento jantar, muitos brindes, a troca de anneis e alguns discursos ternos.

Só ha uma differença: é que a mulher scandinava apesar de saber bordar admiravelmente gravatas e suspensorios para o noivo, é pessima costureira, não sabendo para que lado fica a confecção de um *baêta* ou o preparo de uma feijoada com cabeça de porco, no que é dunga a brasileira.

Esó... porque está-me vindo a agua á bocca.

BELISARIO, o Secretario.

A TARDE

* * *

Nadando em rios, desbrochando em flores,
 La vem a tarde pelo azul siderio...
 Vem como sempre cheia de mysterio
 E sempre e sempre rica de esplendores !

Traz aos vergeis os candidos olores
 Que se exhalam, talvez, do seio aereo...
 Leva minh'alma pelo azul etherio,
 Faz-me esquecer o desconforto e as dores.

Uns decantam á hora do sol posto,
 Outros á aurora esplendida e formosa,
 Alguns ás noites placidas de Agosto ;

Mas eu, n'um canto que só diz saudades,
 — Amo as scismas da tarde, suspirosa,
 — Adoro a estrella pallida das tardes.

Anna LIMA



O ENXOVAL DE ISAMBERTE

(BALLADA)

I

No dia em que Isamberte veio ao mundo, seu pae e sua mãe tiveram um grande pesar. Não porque lhes desagradasse a vinda d'aquelle bello anjo, com uns olhos verdadeiramente celestes e uns labios de flor ; foi até grande a alegria que sentiram ao ouvir esse primeiro vagido do recém-nascido, em que se expande o espanto de viver : ha em todos os homens e em todas as mulheres em êcco, por muito tempo mudo, que só accorda a esse grito. Mas os paes de Isamberte não tinham podido arranjar o enxoval, a tal ponto eram pobres, os desgraçados !

Viviam perto da costa, n'uma cabana velha de madeira carunchosa, sem porta, com o tecto quasi a desabar. Tinham-lhe cedido por caridade essa habitação miseravel, onde o vento da noite penetrava até ao leito d'aquelles pobres envolvendo-os n'um cobertor de ar molhado e de gotas amargas. Quando o homem ia para o mar, nem sempre trazia peixe. As redes eram tão velhas, que pelas malhas rotas e em vão concertadas, escapavam quasi sempre as tainhas e os salmões. A mulher não encontrava que fazer na aldeia, porque os seus pobres andrajos caíam-lhe aos pedaços, e isto escandalisava as pessoas honestas. Quando não se anda bem vestido, não é possível ganhar para vestir !

De maneira que os dois desgraçados nem sequer poderiam pensar em talhar e preparar os pequeninos vestidos, os casaquinhos e as toucas, que tantas mulheres felizes enfeitam, sorrindo de orgulho, de fitas de rendas. Teria, pois, a pequena Isamberte de dormir o primeiro somno em qualquer ui-

seravel grabato, sem uma camisinha, nua como nascera ? Por felicidade, a mãe lembrou-se de um farrapo da cambraia branca, que um dia achara n'uma porção de lixo, e da qual tinha feito uma cortina para a unica janella da cabana. Fraca e abatida como ficara, começaram a arranjar a cambraia lavou-a, apropriou-a, coseu-a, e Isamberte teve o seu enxoval, sendo com elle tão bonita como um anjo, com os seus labios de flor !

II

Quando Isamberte cresceu, tornou-se subitamente triste e deixou de rir e brincar com as outras crianças na areia da praia. A pobre criança lembrava-se de que não poderia fazer a sua primeira communhão, por um bello domingo cheio de sol, no meio de uma grande multidão alegre e festiva na pequena igreja da aldeia. Ella sabia o cathecismo como nenhuma outra, e o senhor cura, entre o seu rebanho espiritual, não tinha uma ovelha mais humilde e meritoria. Mas para a communhão era preciso um vestido branco, e os paes de Isamberte uão eram d'essas pessoas ricas, que entram nas lojas com as algibeiras cheias de dinheiro, podendo escolher entre vinte qualidades de fazendas todas magnificas e caras. Mais de uma vez a pobre criança, foi chorar amargamente defronte das *vitrines* das lojas de modas. Mas sua mãe disse-lhe : — « Não chores, minha querida. » E, tirando de um velho bahú todas as peças do enxoval, que em tempo fizera do pedaço de cambraia, juntou-as novamente, coseu-as, preparou-as, e fez o melher que poude, um vestido. No dia da primeira communhão, Isamberte apresentou-se na igreja com o seu vestidinho branco. O bom Deus, que vê tudo, fingiu não ver os remendos do corpo do vestido e da saia, satisfeito com aquella pequenina alma intacta, e como Isamberte era a mais bonita, pareceu também a toda a gente da aldeia que ella era a mais bem vestida.

III

Aos dezoito annos, namorou-se de um bonito rapaz, tão pobre como ella. Ajustaram casar, não occultando que se amavam, abraçando-se quando se encontravam.

Iam ambos para a pesca, ella de pernas n'uas, saltando de penedo em penedo sobre as algas escorregadias, elle segurando-a pela cintura para que não cahisse : se ella se voltava, encontrava junto da sua bocca outra bocca de que não fugia : e á volta quando a maré subia, caminhavam tão proximos um do outro na vermelhidão do poente, que apenas se via uma unica sombra nos penedos da Costa. Emfim um vivo e sadio desejo de se possuirem invadiu-lhes o coração e os sentidos, e declararam que pretendiam casar sem demora. Mas a mãe de Isamberte mostrou-se muito afflictiva. « Pensaes em semelhante coisa, pequena ? disse ella a sua filha. Como has de casar, sendo tão pobre e miseravel ? Has-de ir á igreja com esses farrapos que te dão o aspecto de uma mendiga, e como te atreverás a dormir, ao lado d'aquelle que te ama, nua de todo, junto d'esses farrapos caídos ? » D'esta vez foi a fi-

lha que consolou a mãe: « Não receis, respondeu ella. Vou procurar no velho bahú o vestido da primeira communhão, que já me serviu de enxoval, e farei d'elle uma camisa para o dia do casamento. »

E assim fez. Na noite do casamento estava vestida novamente com a velha cambraia do enxoval. Se a camisa tinha alguns rasgões o noivo não se queixou !...

IV

Apesar d'esta pobreza, foram felizes na sua cabana, onde viveram muitos annos depois da morte dos velhos paes. A alegria de se verem juntos e de se amarem consolava-os das mais amargas tristezas e não havia lagrimas que seus beijos não seccassem immediatamente. Não tratavam de ganharem o extrictamente necessario para não morrerem de fome. Do seu tempo, que o amor desejaria todo para si, davam algumas horas apenas ao trabalho indispensavel. Não se inquietavam com o dia de amanhã, porque antes d'elle havia a noite. A sua alegria augmentava de dia para dia, ao abraçarem-se na sua cabana, quando voltavam do trabalho e como não havia porta podia ouvir-se, muito ao longe, o écco das suas gargalhadas e das suas palavras ardentes. Muitos ricos tinham inveja da vida d'aquelles pobres que se amavam.

Mas um dia Isamberte adoeceu; na miseria a força de viver gasta-se mais depressa do que a força de amar. Agora a pobre rapariga ficava todo o dia deitada no grabato conjugal, com os labios desbotados e os olhos amortecidos. Junto d'ella, o marido afflicto comprehendia que dentro em breve a sua companheira querida se iria para não voltar. Durante longas horas, olhavam-se os dois, não se falando com o receio de confessarem os seus tristes pensamentos. Mas cada qual bem adivinhava o que o outro estava pensando!

Bem cedo iriam separar-se! E o marido de Isamberte tinha além da angustia de perdê-la uma outra angustia, que a pobre rapariga adivinhara:

— Olha, disse-lhe ella na vespera do dia fatal, eu leio no teu pensamento! Não ha lençoes no nosso leito, nem um pedaço de linho em nossa cabana, e tu não sabes como has de amortilhar-me. Não te afflijas, meu pobre amigo! Procura no velho bahú a camisa do meu noivado, que me serviu tambem para o vestido da primeira communhão, e ella me servirá de mortalha!

V

No dia seguinte, amortilhada na cambraia do seu noivado, a pobre rapariga dormia no cemiterio. Dois anjos desceram do céu n'um raio de luar. Vinham buscal-a. Mas eram dois anjos muito pequenos, chegados ha pouco ao paraiso e encarregados pela primeira vez da missão de irem á terra procurar os defuntos escolhidos para a felicidade eterna. Quando affastaram a terra e levantaram a

tampa do feretro, ficaram muito perplexos.

Debeis, como eram, não teriam forças para erguer o corpo da morta e leval-o ao throno do Senhor, porque esse throno era muito alto.

Que haviam de fazer? De que meio se serviriam !...

Desanimados, iam já voltar novamente ao céu, para pedirem conselho a algum seraphim mais experiente, quando descobriram a mortalha de cambraia que a brisa da noite fazia tremer. Lembraram-se então de fazer della umas azas para a morta. Foi um momento. A cambraia foi rasgada e adaptou-se aos pallidos hombros de Isamberte em duas azas brancas e movediças, e a pobre rapariga subiu ao céu, quasi resuscitada, com o auxilio d'essas azas que tinham sido na terra o enxoval, o seu vestido da primeira communhão, a sua camisa de noivado e sua mortalha.

C. MENDÉS.



A pastora

* *

Formosa e pura, encantadora e santa,
Santa e formosa, encantadora e pura :
— As mais mulheres, em primor supplanta
Supplanta as mais mulheres em candura.

A sua voz os passaros supplanta,
Quebranta os lyrios sua doce alvura ;
— Formosa e pura, encantadora e santa
Santa e formosa, encantadora e pura.

E ah ! quem a vira, assim que a não amára,
Quando contente entre o rebanho, canta,
Canta ao surgir da madrugada clara ? ! .

Deus te conserve, oh meiga creatura :
— Formosa e pura, encantadora e santa
Santa e formosa, encantadora e pura !

LUIZ P.



A PULGA

COMEDIA composta especialmente
para ser representada no thea-
trinho da sociedade dramatica

SEGUNDO WANDERLEY.

Personagens

Juca (estudante)

Rosinha (sua prima)

ACTO UNICO

O Scenario representa um gabinete, tendo duas portas ao fundo, uma á esquerda e uma janella á direita. Rosinha vem sahindo cautelosamente de uma das portas do fundo, percorre á scena espreitando a porta da esquerda. Depois vai á janella, abre e olha para a rua. Findo o exame fecha a janella com enfado.

Rosinha—Não me foi possível ver nada apesar da claridade da lua. Terá o Juca se esquecido de nossa entrevista? E' a primeira vez que isto acontece. Talvez espere pelo signal, vou cantar para prevenil-o de que estou alerta. Oh! a musica é um excellente telegrapho para os namorados. *(Canta)*

Aos 15 annos a vida
E' lago tranquillo e puro,
E' côr de opala o futuro,
As esperanças azues :
Do branco jardim dos seios
Rebenta a flor dos desejos,
O labio—é cofre de beijos,
A alma—é ninho de luz.

As creanças são alvoradas
Meigas, risonhas, divinas,
As illusões cavatinas
De um rouxinol ideal...
Do horto da consciencia
As rosas não têm espinhos,
Só ha caricias —nos ninhos,
Só ha perfumes —no val.

O coração innocente
Semelha um iris d'esperanças,
Os sonhos brincam nas franças
Das laranjeiras em flor,
Pullula a seiva nas veias,
Rubra, quente, douda incerta,
E a natureza desperta
Cantando um hymno de amor.

Sim, senhor; ha 3 mezes que o primo Juca me namora e nada de fallar-me em casamento.

Sempre uma desculpa, sempre uma evasiva que ja vai me amollando a paciencia. Pois não sou torta nem aleijada. Muito menino *chic* tem me arrastado a aza e eu só... cotovello n'elles. Olhem, o caxeiro de seu Feraanles, o *Copibarbo* ja mandou-me uma lata de ameixas; o do Sr. Nicolão, o *Goyminha*, um frasco de corylopsis do Japão; um estudante do Atheneu fez-me 3 sonetos de pê quebrado; fora o mais quenão devo contar. O que tem graça porem, é que eu vou ficando com os presentes e mando-os todos penteiar macacos. Nada: cá nesta freguezia só quem *prega* é o primo Juca. O peor é que elle só quer levar o negocio em flauteio e nada de *conjungo vobis*. Mas, eu hoje, ponho esse negocio em pratos limpos e liquido essa situação. Ah! Tenho cá um plano, um feitiço que ou elle rende-se ou... tem muito mau gosto. Hoje elle cahe na minha ra-toeira; ora se cahe, cahe mesmo!

(Canta fóra)

Linda Rosa,
Perfumosa,
D'entre as flores a flor mais formosa,
Teu priminho,
Queridinho,
D'esperar-te já está cançadinho.
Aqui stá,
Abre já :
Alta a lua
Lá fluctua,
Não me deixes ficar só na rua.

N'esta praça,
Não é graça,
Pulga alguma siquer aqui passa :
Ao relento,
Friorento,
Não mais posso ficar um momento...
Eis-me cá,
Cheguei já,
Sem demora,
Mesmo agora
Si não abres, meu bem, vou-me embora.

Rosinha—E eu a dar a lingua e o meu Juca lá fora exposto ao sereno da noite, em risco de apanhar umas maleitas. *(Vai a porta da direita e observa.)* Os pobres velhos, coitados! dormem e roneam como 2 trombones da musica de Segurança. Espera, meu anjo, tem um pouco de paciencia que em breve estarás nos braços de tua Rosinha. *(Abre a janella.)*

Juca—*(saltando para dentro.)* Ora, pipocas! Pensei que querias que eu ficasse fazendo sentinella toda a noite diante de tua casa. Ha de confessar que a posição não era lá muito divertida.

Rosinha—Que queres, estava disposto as coisas para não sermos sorprendidos.

Juca—Olha que o tal sacrificio merece bem uma recompensa. *(Quer abraçal-a.)*

Rosinha—Alto lá meu primo; mais de vagar com a louça; isso cá faze mais fino. Lague o pinto que é das almas.

Juca—Que historia é esta, Rosinha ? Estás te fazendo fina commigo ?

Rosinha—E' que de hoje em diante o caso mudou de figura. Se quer o que deseja, venha pelos canaes competentes.

Juca—Mas eu já não te disse, minha flôr, que as minhas intenções eram puras, os meus sonhos...

Rosinha—Nada, nada, meu charo ; não me agrada esta musica. Você canta, mas não entôa. Olha, filho, a intenção é uma cousa muito problematica, e os sonhos um alimento muito pouco substancial. Palavras não adubam sôpas. E' preciso entrarmos n'um terreno mais pratico. Quero a realidade nua e crua, por isso. *(Canta)*

Se continúa em promessas,
A proceder sempre assim,
Eu desde já lhe declaro
Suspenda a trouxa, meu charo,
E fuja ás leguas de mim.

Casar commigo
Se não lhe aprás
Procure outra
Me deixe em paz.
Plante batatas,
Mude de vida
Que de tabocas
Já estou servida.

Juca—*(á parte)* Vamos dar começo á comedia : Mas priminha.....

Rosinha—Não tem priminha nem primona. Ai ! que pulga amaldiçoada ! *[Finge que uma pulga morde-lhe no braço.]*

Juca—*(pressuroso)*, Aonde, prima, aonde ?

Rosinha—Onde não è de sua conta. Ande, vire-se depressa para là e tape os olhos, que eu vou catar a minha pulga e não quero que você espie.

Juca—Pois não, prima ; já estou virado e tapado !

Rosinha—*(arregaça toda a manga do vestido deixando ver o braço completamente nu e finge que procura a pulga.)* Que terrivel dentada ! O peor é que o demonio mordeu-me e raspou-se.

Juca—*(emquanto Rosinha procura a pulga olha sorrateiramente)*. Que braços ! que braços deliciosos ! Não se me dava de ser estrangulado por semelhantes cadeias. E' nma verdadeira tentação ! Abençoa-da pulga !

Rosinha—Você está espiando, ein, seu tratante ?

Juca—Não diga isto, prima, juro que não vi nem um cabellino só : *(á parte)* mas que braços ! que braços !

Rosinha—A fogueira começa a arder. *(Canta)*

Com arte tudo se alcança,
Tudo detem-se com geito.
Pois aqui bem se divulga
Que a tal comedia da pulga
Já vae deixando proveito.

Sejam de carne,
Sejam de aço,
Os homens todos
Ficam no laço.
De todos elles
O mais seguro
Com dous sorrisos
Cahe de maduro.

Juca—A prima hoje está muito espirituosa.

Rosinha—E o primo muito piégas.

Juca—Ah ! Prima, você è uma ingrata.

Rosinha—Isto é chapa... Irra ! outra vez ! que pulga excommungada ! *(finge que a pulga tem mordido na perna)*.

Juca—Aonde, aonde, prima ?

Rosinha—Que tem você com isso ? Ora, que sujeito mais importuno. Ande, vire-se, vire-se quanto antes e tape os olhos que eu quero esmagar esta damnada. Isso com certeza é pulga de cachorro !

Juca—Prompto, minha senhora, cá estou torto e cêgo qual junto de um morcego outro morcego !

Rosinha—Não vâ fazer como da outra vez. Olhe que eu estou *assumptando*. *(procura a pulga ao pé da liga.)*

Juca—Não tenha cerimonia, pôde catar a seu gosto. Eu sou incapaz de commetter uma indiscrepção. *(vai olhando sorrateiramente, enquanto Rosinha finge procurar a pulga)*. Qual ! eu não resisto, eu olho sempre.

Rosinha—Onde se metheu a tal endemoniada ? Por mais que mecha e remecha o demonio escapa-me sempre.

Juca—*(á parte)*. Estou abysmado, Virgem Santissima ! Que perfeição ! que maravilha ! parecem duas columnas de mormore de Paros ! E' da gente perder a cabeça. Eu já não sou deste mundo . Ah pulga, pulga, tu és o mais adoravel de todos os animaes !

Rosinha—Ainda mais essa ! Você está espiando outra vez, seu canalha ? O senhor è um curioso bem atrevido. Quem o mandou olhar para cá ?

Juca—Prima, isso è uma grande injustiça que você me faz. Olhe, eu queira morrer de parto se vi ao menos a ponta, a pontinha da unha. *(á parte)* Mas, que contornos, que contornos !...

Rosinha—Bem me fio eu nisto, seu sonso : você è muito *innocente*...

Juca—E isso faz mal ?

Rosinha—Faz, sim ; você ainda não pode tomar certas liberdades ; livre-se de outra !

Juca — *aparte* (Ainda mais esta ; e quem manda me provocar. O homem não é de pau e eu eu caso, caso mesmo, não sei que lhe faça. Esta Rosinha é um diabrete de saias.)

Rosinha—O marreco já está em chamma (canta.)

O Juca está pelo beijo
Ardendo como um vuleão.
Com mais um pequeno ensaio
Da-lhe por certo um desmaio
E vai de ventas ao chão.

Que bella idèa,
Bem combinada,
Por um inseto
Ser desposada !
Ai quanto typo,
Bello capricho,
Inveja a sorte
Do feio bieho.

(Continúa)

Voz dos prelos

Devemos á gentileza do Sr. Cardoso Junior o amistosso offerecimento de um seu mimoso livro de versos, prefaciado pelo Sr. Silva Marques, que manifesta-se abertamente um franco e decidido apologista do poeta, que acaba de atirar aos ventos da critica contemporanea o apreciavel fructo de suas locubrações.

Cardoso Junior fazendopor este modo asua estréa na vasta e promissora arenada litteraturapatria, recommenda-se aos nossos applausos, espontaneos e sinceros, não como um perfeito burilador das rimas, mas como artista novel, intelligente e que ainda deixa entrever na combinação das tintas com que aformozea os seus quadros, as suas paisagens poeticas, vestigios de sombras que bem caracterizam os primeiros movimentos de um pincel não muito familiarisado ainda com os bellissimos segredos do atelier...

O livro, de que agora nos occupamos, consta de 97 paginas nitidamente impressas, contendo 37 producções divididas da seguinte forma : SONHOS MORTOS, PRIMAS e NGIVADO.

Acabamos de volver a ultima folha do LARVAS e, com franquesa, mais do que todos os outros trabalhos, agradou nos a leitura do magnifico Soneto que abaixo publicamos e que poderá ser o *thermometro* do maior merito que em breve conquistará o Sr. Cardoso Junior a quem n'esta occasião apresentamos agradecimentos pela delicada offerta que acaba de enviar-nos da Capital da Republica.

Somnambulismo

A REIS CARVALHO

*Era o costume seu : dormia, tendo
Sempre um punhal perto do leito, occulto.
Debalde a esposa o andava reprehendendo...
Elle sorria—«Que receio estulto !»—*

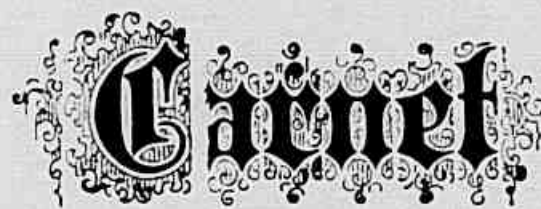
*Mas, uma noite, vem-lhe um sonho horrendo :
A esposa o trahe !... Por se vingar do insulto
Busca, somnambulo, o punhal... Tremendo
De raiva, fere o imaginario vulto !...*

*—«Agora a infame :» E com furor enorme
O peito rasga da mulher que dorme !...*

—«Morre tambem ! Morre tambem devassa !...»—

*Nisto desperta... E percebendo tudo,
Pela dor cego, pelo espanto mudo,
Vira o punhal e o coração traspassa !...*

RICHELET



Ovidio Fernandes—Guarda o leito ha muitos dias este nosso prestimoso amigo, digno socio do «Congresso Litterario» e intelligente redactor de nossa modesta revista.

Impossibilitados como actualmente estamos do valioso concurso mental d'este nosso incansavel companheiro de trabalhos e da carinhosa convivencia do digno moço, fazemos os mais sinceros votos pelo seu completo restabelecimento, o que de certo será um grande praser para a sua respeitavel familia e um não menos alegrão para os seus verdadeiros amigos.

«**Republica**»—Este importante e conceituado orgão da imprensa paraense teve a gentileza de transcrever em suas columnas de honra o magnifico e patriotico soneto TIRADENTES, original do nosso illustre confrade Segundo Wanderley, que abrilhantou a capa de nossa revista á 21 de abril do corrente anno.

«**A Rainha do Ignoto**»—E' a denominação de um romance psychologico que acaba de nos ser offercido de Manãos pela Excm.^a Sra. D. Emilia Freitas, a quem pertence a autoria d'este volumoso trabalho.

Opportunamente nos occuparemos deste livro dizendo com sinceridade a impressão que produziu em nosso espirito a leitura de suas 456 paginas.

Uma idea feliz—Os mais conspicuos representantes da classe Commercial d'esta cidade, e muitos outros dignissimos cavalheiros, acabam de

constituir uma importante sociedade, cujo objectivo principal consiste na realisação de uteis e vantajosos melhoramentos em proveito do progresso material e moral do Rio Grande do Norte.

Feliz e ao mesmo tempo louvavel é, inquestionavelmente, o pensamento dos illustres cidadãos que, ao irem trabalhar assim pela prosperidade do nosso Estado e, com especialidade, de nossa capital, dão a mais exuberante prova do mais ascendido patriotismo.

Muito e muito confiamos no favoravel exito de tão nobre corporação, tanto mais quando acha-se seriamente empenhada na realisação desse desideratum a sua prestimosa Directoria, que tem como seu dignissimo Presidente o abastado e operoso industrial coronel Juvino Barretto.

Academico Galdino Lima—Entre nós, vindo ultimamente do Recife, acha-se este nosso intelligente patricio e amigo que no seio de sua extensa familia vem desfructar as ligeiras ferias que lhes foram proporcionadas pela Academia de Direito.

Affectuosamente abraçamos o estudioso academico, cumprimentando ao mesmo tempo o novel poeta, collaborador de nossa revista.

Discurso— O sr. Augusto Wanderley, nosso laborioso confrade do «Congresso Litterario» na qualidade de seu editor distinguu-nos com o offerecimento da bellissima e substanciosa peça oratoria que pronunciou o nosso talentoso collega H. Castriciano, no character de orador official do «Gremio Polymathico», na sessão commemorativa ao descobrimento do Brazil.

Esse apreciavel trabalho acaba desahir das conceituadas officinas da Typographia «Central» que vae seguindo *pares passe* a evolução da grandiosa e beneficente Arte do immortal Gutemberg.

Ao agradecermos a preciosa offerta não podemos deixar, ainda uma vez, de apertar affectuosamente a mão de Castriciano, transmittindo-lhe por esse modo felicitações e applausos pelas bellezas litterarias e historicas que com tanta intelligencia soube enfaixar nas 19 paginas de sua allocução.

A «Potyguarania»—A convite do proprietario deste conceituado estabelecimento de diversões, assistimos a exhibição de um magnifico phonographo que, todas as noutes, constitue-se o alvo da curiosidade dos innumerados frequentadores d'A «Potyguarania.»

E o melhor da festa é que a gente aprecia bonitos trechos de musica, discursos humoristicos, modinhas brasileiras, terroteios de guerra, saboreando o café, o refresco, etc. etc.

Está effectivamente digna de continuadas visitas A «Potyguarania.» Muito asseio, muito agrado e diversões de todas as especies.

«A Pulga»—Começamos a publicar hoje es-

ta interessantissima comedia com a qual por vezes tem-nos divertido agradavelmente a infatigavel e intelligente *troupe* da «Segundo Wanderley» antiga «12 de Outubro.»

Este trabalho devemo-lo a penna de um dos nossos mais applaudidos collaboradores, cujo nome a modestia manda calar.

Um novo livro—Folgamos em annunciar aos nossos leitores o proximo apparecimento do *Horto*, inspirado livro de versos de nossa laureada collaboradora, a insigne poetisa Auta de Souza, que por toda esta semana será distribuido com os seus innumerados assignantes.

Com a devida antecedencia recommendamos aos cultores da poesia e aos apreciadores das letras patrias a leitura d'este mimoso trabalho.

Congresso Litterario—Pelo nosso dedicado amigo e infatigavel collega José de Viveiros, activo e honrado thesoureiro do «Congresso Litterario», foi apresentado ao então presidente desta officina de letras, Ovidio Fernandes, a demonstração da receita e despesa durante o nosso terceiro anno social, trabalho a que damos hoje publicidade, chamando para elle a attenção dos nossos dignos consocios.

Demonstração da receita e despesa da sociedade «Congresso Litterario» durante o anno social de 21 de Abril do anno passado a esta data.

RECEITA

Saldo verificado em 21 de Abril do anno passado.....	254\$800
Contribuição dos socios effectivos do Congresso e assignaturas d'«A Tribuna», durante o anno.....	1:153\$000
	<u>1:407\$800</u>

DESPEZA

Impressão d'«A Tribuna».....	1:045\$000
Gratificação ao distribuidor.....	54\$000
Porcentagem ao cobrador da sociedade	57\$500
Telegrammas expedidos.....	11\$000
Uma encadernação d'«A Tribuna»....	5\$000
Talões de recibos.....	18\$000
Sellos, brabantes etc.....	8\$000
Papel e envelopes.....	4\$800
Supprimento feito para o completo do pagamento do folheto «Conferencia Litteraria».....	29\$000
Porcentagem pelo troco de 3 apolices, de 50\$000 cada uma, da divida publica estadual.....	40\$000
	<u>1:272\$300</u>
Saldo verificado nesta data.....	135\$500
	<u>1:407\$800</u>

Thesouraria do Congresso Litterario em Natal, 20 de Abril de 1900 — O Thesoureiro, José de Viveiros.

“A TRIBUNA”

Acceita qualquer collaboração litteraria, ficando sujeita, porém, ao juizo da REDACÇÃO

Toda correspondencia a publicar deve ser dirigida ao Director da REVISTA —Rua Vigario Bartholomeu, 21 —com quem se entenderão todas as reclamações.

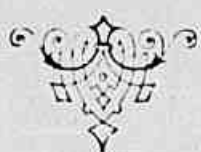
ASSIGNATURAS

PARA O INTERIOR E EXTERIOR

Anno	8\$000
Semestre	4\$000
Trimestre	2\$000
Collecção annual	10\$000



Typographia Central



Esta officina sufficientemente montada com material todo novo e moderno compromette-se a satisfazer em limitado praso qualquer trabalho, como sejam:

CONHECIMENTOS, MAPPAS, CARTAZES,

TALÕES, MEMORANDUMS, PROSPECTOS,

FACTURAS, Titulos, CARTAS, ROTULOS,

Cartões de visita, FOLHETOS,

Bilhetes de rifa,

LEGENDAS em papel e envelopes pelos preços os mais razoaveis.

NATAL

Rua José de Alencar

